

# Renée France de Carvalho: uma vida de lutas

MARLY DE ALMEIDA GOMES VIANNA, RENÉ LOUIS DE CARVALHO,  
RAMÓN PEÑA CASTRO (ORGS.)

*São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012, 239p.*

*Francisco Quartim de Moraes\**

*Uma vida de lutas* é uma autobiografia, escrita em primeira pessoa (é Renée de Carvalho quem fala) mas construída por meio de relatos a três entrevistadores, que se encarregaram de editar o texto e, em um ou outro momento do relato, explicitam opiniões ou comentários. A empatia dos três com Renée é evidente: Marly Vianna e Ramón Peña são militantes comunistas da vida inteira; René Louis de Carvalho, além de militante, é filho de Renée France e de Apolônio de Carvalho. A obra fica pois entre a autobiografia e a “biografia conversada”, da qual um dos melhores exemplos é a de Fidel Castro preparada por Ignacio Ramonet (*Cien horas con Fidel*), que se compõe das respostas do biografado às perguntas do entrevistador. A edição é muito bem cuidada, desde a capa até a iconografia. A revisão do texto também é bem feita, com baixa taxa de erros.

Nascida em Marselha em 1925, em pleno entre guerras, Renée France se deparou e interagiu, em sua primeira juventude, com as duas decisivas experiências históricas da Frente Popular: a da França e a da Espanha. Depois dos anos difíceis que seguiram a crise geral de 1929, o povo francês logrou eleger, em 1936, um governo que conferiu prioridade à melhoria das condições básicas de vida dos trabalhadores. Um contagiante sentimento de esperança que Renée sintetiza assim:

---

\* Mestrando de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

“E vieram leis, como a lei de férias... Pessoas que nunca tinham tido férias na vida, tinham agora quinze dias de férias pagas! Algumas que moravam a 40 km do mar e nem o conheciam [...]. Essa conquista foi como coisa do outro mundo; havia uma atmosfera de alegria de primavera” (p.30). Mas na vizinha Espanha, a Frente Popular logo de início enfrentou uma rebelião militar-fascista de grandes proporções. O socialista Leon Blum, chefe do governo francês, em vez de ajudar a República espanhola, negava-se a vender-lhe armas, em nome do pacto hipócrita de não intervenção que assinara com a Inglaterra, fazendo ouvidos de mercador à intervenção militar aberta da Alemanha e da Itália em favor dos fascistas espanhóis. Só a União Soviética, apesar do seu isolamento, ousou romper esse bloqueio, fornecendo apoio material e político à Espanha republicana.

Ainda muito menina, Renée participou da solidariedade ao povo espanhol, sem poder saber que Apolônio de Carvalho, seu futuro companheiro de lutas e vida, combatia nas Brigadas Internacionais. Quando a República sucumbiu, em março de 1939, centenas de milhares de exilados da Frente Popular atravessaram a fronteira francesa para escapar do massacre. O governo francês, cuja política externa (assim como a da Grã Bretanha) consistia em fazer todas as concessões a Hitler para que ele dirigisse seus ânimos bélicos contra a União Soviética, traiu novamente os republicanos (entre os quais Apolônio), internando-os em campos de concentração. Por tudo isso, Renée, com quatorze anos de idade, defendeu (e defende até hoje) o pacto germano-soviético, réplica taticamente lógica ao pacto liberal-nazista de 1938, concluído em Munique, entre os chefes de governo da França e da Inglaterra com Hitler. Em junho de 1940, o governo francês capitulou vergonhosamente diante dos exércitos de Hitler. Começavam os quatro anos de ocupação. A resistência aos nazistas foi organizada, em grande medida, pelo Partido Comunista Francês (PCF), que mobilizou os célebres *franc-tireurs partisans* (FTP). Ao preço dos mais heroicos sacrifícios, eles não deram trégua aos ocupantes, até a vitória.

Renée e Apolônio se encontraram em Marselha, atuando num grupo FTP. Começaram simulando formar um casal, procedimento de que se servia a Resistência para despistar os nazistas. Mas os dois se tornaram um casal real, para a vida inteira. Participaram de diversas ações armadas em diferentes regiões da França. Renée conta que nunca viajou tanto, carregando bagagens altamente comprometedoras. Lembra, entre outros, um episódio tragicômico: ela viajava sozinha com alguns quilos de explosivos dentro de uma valise quando oficiais da Gestapo entraram no mesmo vagão do trem. A viagem seguiu sem incidentes, mas na parada final, quando todos desciam, um dos oficiais gentilmente se ofereceu para carregar a valise da jovem mulher. Nunca terá sabido que prestou um serviço à luta antinazista.

Renée terminou a guerra no posto de sub-tenente, elogiada pela bravura e determinação diante do inimigo. Seu companheiro juntou às condecorações que recebera na guerra civil espanhola, as homenagens do exército francês, do qual se

tornou coronel. Recebeu a Legião de Honra da França, mais alto grau de condecoração do Estado francês. Reconhecidos na França como heróis da vitória sobre o nazifascismo, Renée e Apolônio poderiam lá ter continuado a vida e a militância. Mas Apolônio foi chamado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) para voltar a seu país. Renée foi posta diante da necessidade de separar-se de sua família para acompanhá-lo. Com eles seguiu René, primeiro filho dos dois.

Ao chegar ao Brasil em dezembro de 1946, o casal foi recebido por um grupo de camaradas, entre os quais Maurício Grabois. Já estava armado naquele momento o cenário do golpe judiciário que cassaria os mandatos comunistas e colocaria o Partido na ilegalidade. O núcleo dirigente teve de imergir na clandestinidade. Segundo Renée, a aplicação da medida foi “exagerada”; muitos companheiros poderiam ter “permanecido na legalidade” (p.113). Foi nesse contexto, muitas vezes sozinha, que ela aprendeu o português e começou a conhecer seu país de adoção.

Nos anos 1950, Renée, Apolônio e filhos (Raul, o segundo filho, nasceu no Brasil) mudaram de cidades algumas vezes, conforme as demandas da luta política. Mudaram até de país, quando os pais foram enviados para estudar na União Soviética e os filhos ficaram com amigos e família, primeiro no Brasil e depois na França. Essas separações eram golpes duros para os pais e para os meninos.

A passividade do PCB perante o golpe de 1964 e a convicção de que cumpria opor resistência à ditadura levou o pequeno, mas aguerrido núcleo político da família Carvalho, a buscar outro rumo. O casal e os filhos participaram, a partir de 1968, da formação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), que se lançou na luta armada. Apolônio e os dois filhos caíram nas mãos dos beaguins do Doi-Codi. Naquela situação sombria e dolorosa, ela encontrou em Dilma Borges, mulher de Mário Alves, também dirigente do PCBR, um forte apoio. Juntas, lançaram-se na busca incessante de notícias sobre os presos políticos. Embora tendo enfrentado na França a Gestapo e a Milícia de Pétain, Renée não pôde deixar de se horrorizar com os calabouços e as torturas da ditadura brasileira. Nessa “rotina do desespero” (p.169), Renée foi mais afortunada do que Dilma. Os homens de seu núcleo familiar saíram vivos, ao passo que Alves foi assassinado sob as mais atrozes torturas.

O último engajamento político de Renée e Apolônio foi junto ao Partido dos Trabalhadores (PT), de cuja fundação os dois participaram. Ela admite que esse partido “pode não ser o que esperávamos que ele fosse”, mas entrou nele “sem as ilusões que tive a minha vida toda no PCB” (p.224). Ilusão é esperança não realizada. Mas esperar é preciso. A vida de Renée é um luminoso exemplo de coragem e esperança.

MORAES, Francisco Quartim de. Resenha de: Vianna, Marly de Almeida Gomes et al(orgs.). Renée France de Carvalho: uma vida de lutas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012, 239p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.203-205.

***Palavras-chave:*** Carvalho; Biografia; Memória.